



ISSN: 2236-8000
v. 19, n. 2, p. 10-29, jul.-dez. 2025

Velocidade vs. Pensamento: Desafios epistemológicos e educacionais da civilização da automação e IA

Velocidad vs. Pensamiento: Desafíos epistemológicos y educativos de la civilización de la automatización y la IA

Speed vs. Thought: Epistemological and Educational Challenges of the Civilization of Automation and AI

Piero DOMINICI

Cientista Social e Filósofo.

Professor Associado Departamento de Filosofia, Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Perugia

E-mail: piero.dominici@unipg.it

Andrea VERSUTI

Professora na área de Educação, Tecnologias e Comunicação do Departamento de Métodos e Técnicas (MTC) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB

E-mail: andreaversuti@unb.br

Enviado em: 20 out. 2025

Aceito em: 20 dez. 2025

RESUMO

A sociedade contemporânea, imersa na revolução digital, enfrenta uma informação em hipervelocidade que limita a reflexão crítica e exacerba as vulnerabilidades sociais. A análise identifica o "erro definitivo": a tentativa de gerir sistemas complexos utilizando lógica linear, sustentada pela tirania da concretude e pela ilusão do controle tecnológico. Essa mentalidade alimenta práticas como a vigilância algorítmica e o capitalismo de vigilância, que corroem progressivamente as liberdades civis e a autonomia individual. Como resposta cultural e estratégica, propõe-se um "novo humanismo" que revaloriza o fator humano e a ética sistêmica. Este humanismo foca na capacidade de "habitar a complexidade", integrando o erro e a emergência como recursos heurísticos essenciais para a adaptação. A educação surge como um eixo estratégico, privilegiando o *saber-ser* e o *saber-agir*, formando cidadãos capazes de lidar com a incerteza e resistir à lógica da hipervelocidade.

Palavras-chave: Sociedade da Conexão; Complexidade; Novo Humanismo; Hipervelocidade; Educação.

RESUMEN

El objetivo propuesto en este artículo es identificar las líneas de visibilidad del dispositivo mediático de las industrias de refrescos que operan en Brasil y que gestionan los procesos de subjetivación de los sujetos. La pregunta de investigación aborda las formas en que las industrias de bebidas azucaradas dan forma a su mundo mediatizado para mantener el dominio sobre las lógicas de representación de la información. Las cuatro perspectivas que amplían la caracterización de una configuración comunicativa - pertenencia, reglas, segmentación y poder - son las claves metodológico-analíticas de este artículo, mientras que el corpus se compone de campañas publicitarias de refrescos. Los resultados indican que el sector cambia las acciones comunicativas de sus actores para no perder cuota de mercado y que, si esto sucede, debe ser ante un competidor, y no ante otro tipo de alimentos.

Palabras-clave: Comunicación publicitaria; mediatización; consumo; marcas; refrescos.

ABSTRACT

The objective proposed in this article is to identify the lines of visibility of the media dispositivo of soft drink industries operating in Brazil that agencying subjects' processes of subjectification. The research question addresses the ways in which industries of sweetened beverages shape their mediatized world to maintain dominance over the logics of representation of information. The four perspectives that expand the characterization of a communicative configuration - belonging, rules, segmentation and power - are the methodological-analytical key aspects of this article, while the corpus is composed of advertising campaigns of soft drinks. The results indicate that the sweetened beverages sector changes the communicative actions of its players in order not to lose market share and that, if this happens, it should be for a competitor, and not for other types of food.

Keywords: Advertising communication; mediatization; consumption; brands; soft drinks.

Introdução

A era hipertecnológica, marcada pela aceleração exponencial dos fluxos de informação, impõe uma "nova hipervelocidade" (Dominici, 2025) que, embora apresente extraordinárias oportunidades, tem a contrapartida de subtrair o tempo necessário para a reflexão, o pensamento crítico e a análise aprofundada dos fenômenos sociais. A articulação

dos trabalhos de Piero Dominici, em particular sua visão sobre o novo humanismo e a complexidade da comunicação, revela que o principal desafio sociológico não reside na tecnologia em si, mas na persistência do “erro definitivo”: a tentativa de gerir sistemas sociais inherentemente complexos, dinâmicos e imprevisíveis como se fossem meramente complicados (Dominici, 2020a). Em seu outro artigo "From Emergency to Emergence," (2023) o autor reitera que a emergência, tal como o erro, é um elemento intrínseco e conotativo da complexidade e da vida, e, portanto, nunca pode ser prevista, prevenida ou eliminada.

O autor argumenta que o principal desvio conceitual é a tirania da concretude (Dominici, 2025). Esta expressão designa a crença simplista de que a realidade, por mais complexa que seja, pode ser integralmente capturada, medida e manipulada por dados tangíveis e mensuráveis. A tirania do concreto desvaloriza os fatores qualitativos, a imprevisibilidade e a natureza intrinsecamente não linear dos sistemas humanos. Esta abordagem falha na ilusão de que algoritmos e inteligência artificial podem eliminar o erro e a incerteza (Dominici, 2025), subestima o fator humano e as relações de poder consolidadas. Neste contexto, a crítica à erosão lenta das liberdades civis em um ambiente de vigilância e consumismo digital torna-se indissociável, exigindo um repensar da cultura e da educação que priorize a capacidade de habitar a complexidade por meio do saber compartilhado e da mediação, em vez da mera ilusão de controle.

Desta ilusão central deriva o que Dominici chama de o erro definitivo: a convicção de que todos os problemas podem ser resolvidos pela delegação de soluções unicamente à tecnologia (Dominici, 2025). O grande erro manifesta-se na fé inabalável em que algoritmos e sistemas de Inteligência Artificial (IA) são capazes de medir, gerir e prever a evolução de sistemas humanos complexos. A promessa subjacente a este erro é duplamente sedutora e perigosa: (1) O Controle Absoluto sobre sistemas complexos e (2) a Eliminação do Erro e da Incerteza da vida social. A delegação da capacidade de decisão e análise a sistemas automáticos e hiper-rápidos, baseados nesta premissa, é vista como o cerne da crise, pois ignora que os sistemas sociais são estruturalmente abertos e dinâmicos, incapazes de serem administrados por modelos puramente preditivos (Dominici, 2025).

O sistema social, a economia global e as relações organizacionais são sistemas complexos, onde a emergência é um fator inerente (Dominici 2023). A aplicação de modelos de gestão (muitas vezes algorítmicos) que pressupõem a previsibilidade linear falha ao tentar controlar o complexo, as organizações e os tomadores de decisão apenas amplificam a ambivalência e, paradoxalmente, aumentam o risco e a vulnerabilidade do sistema à crise, por

desconsiderarem a impossibilidade de prever a emergência (Dominici, 2023). A propagação dessas ilusões é catalisada por um fator temporal definidor da era digital: a nova hipervelocidade (Dominici, 2025). A celeridade da tecnologia digital e a natureza imediata da comunicação em rede interagem com sistemas complexos, expondo e amplificando as insuficiências sociais e organizacionais preexistentes. A principal consequência sociocognitiva desta hipervelocidade é a limitação radical do tempo disponível para a reflexão, o pensamento e, sobretudo, para a análise crítica (Dominici, 2025).

A aceleração da vida em rede obriga indivíduos e organizações a reagirem ao invés de agirem de forma ponderada. A urgência constante e a necessidade de estar online minam a capacidade de observação e distanciamento. Essa privação temporal facilita o domínio das lógicas de controle e racionalidade (Dominici, 2025), pois a velocidade desfavorece o debate, a mediação e a construção de consenso, reforçando a tendência de dar carta branca à tecnologia (erro definitivo) e as falsas dicotomias. Por outro lado, a arquitetura das redes está intrinsecamente ligada a uma economia de extração de dados e monitoramento comportamental.

É no vácuo de pensamento crítico e reflexão induzido pela hipervelocidade informacional que a vigilância algorítmica prospera, conduzindo à lenta erosão das liberdades civis e da autonomia individual. Essa arquitetura das redes está intrinsecamente ligada a uma economia de extração de dados e monitoramento comportamental. O capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021) é definido como uma lógica de acumulação que transforma indivíduos em mercadorias ao extrair dados brutos comportamentais para formular produtos de predição. O objetivo final é a venda da capacidade de prever e moldar o comportamento alheio, onde a privacidade é o "preço" a pagar pela conexão.

A busca por eliminar o erro e impor a racionalidade máxima ao que é complexo leva à delegação cega de decisões à tecnologia. O resultado é uma servidão voluntária — metaforizada por Hipnos — onde o cidadão-consumidor, seduzido pelo hiperconsumo e pela conveniência, abdica voluntariamente de seus direitos em um feudalismo tecnológico.

Neste contexto, o foco do sujeito se desloca do corpo e da vida real para o Eu-digital ou a Personalidade Eletrônica, que se torna a versão idealizada e mais importante, sendo sistematicamente cooptada pelas demandas do capitalismo de vigilância. O desejo de autoexposição (Narciso) e a submissão à servidão invisível reforçam o processo de comodificação do indivíduo. Essa alienação culmina no que pode ser entendido como a morte da autonomia e do senso crítico, ilustrada pelo mito de Tântalo. Em suma, a obsessão por controle e velocidade cria as condições para um sistema econômico que opera

com base na extração e predição de comportamentos, desmantelando a autonomia e a liberdade civil.

Em resposta à crise do pensamento, a solução está no resgate do fator humano e na redefinição de seu papel. O novo humanismo para a sociedade interconectada (Dominici, 2014) não é uma rejeição ao digital, mas uma superação da lógica utilitária da concretude. Este humanismo baseia-se na ressignificação do erro como ferramenta cognitiva, na economia da partilha e mediação, e em uma visão sistêmica cujo objetivo central é habitar a complexidade (Dominici, 2017), o que implica o abandono da ilusão de controle para focar na aceitação da não-linearidade e da imprevisibilidade.

Habitar a complexidade de forma ética e consciente, combatendo a tirania da concretude, exige aceitar a imprevisibilidade, resgatar o humano (aprender a esperar o inesperado, Dominici, 2023), promover o diálogo e desenvolver uma ética sistêmica. O conceito, embora não defende a fusão dos humanos com sua tecnologia — Dominici não tem objeção a que as máquinas se tornem mais parecidas com os humanos, mas se opõe enfaticamente à perspectiva de os humanos se tornarem cada vez mais semelhantes às máquinas - é enriquecido pelas contribuições de Haraway (1988), que com a metáfora do Ciborgue e o Conhecimento Situado rompe a dicotomia humano/tecnologia e desmantela a ilusão de objetividade, e de Ingold (2011), que contrapõe a lógica de Rede (pontos discretos) com o Emaranhado (meshwork), resgatando a vida como um conjunto de linhas contínuas e a experiência no mundo, como alternativa à lógica da rede.

A crítica à educação tradicional reside no fato de que, baseada na compartmentalização e na hiperespecialização, ela reforça a tirania da concretude e falha em preparar o indivíduo para a realidade complexa. A formação do cidadão complexo exige a transição de um modelo focado no saber-fazer técnico para um modelo que privilegie o saber-ser e o saber-agir (Dominici, 2023). A implementação prática do novo humanismo demanda, portanto, uma profunda reforma educacional, vista como o principal motor para a superação do grande erro. A formação do cidadão complexo deve adotar epistemologias que valorizem a incerteza, incluam o erro, a dúvida e a emergência no processo de aprendizagem, compreendidos como recursos heurísticos (Dominici, 2023) que promovem o desenvolvimento do pensamento crítico para resistir à hipervelocidade.

Este artigo examina as ilusões conceituais que sustentam essa lógica, os riscos éticos decorrentes da vigilância algorítmica e propõe um novo humanismo como resposta cultural e educacional à crise da complexidade, delineando as bases teóricas e metodológicas para a formação de um cidadão complexo.

Vigilância Algorítmica, Consumismo e a Metáfora Mitológica

Os argumentos centrais do artigo se articulam com as perspectivas de outros autores, adicionando camadas de crítica sobre o papel da ciência, da tecnologia e a produção da subjetividade no regime atual.

O pensamento de Isabelle Stengers (2015) complementa o conceito de hipervelocidade de Dominici ao defender uma desaceleração da ciência ("Slow Science"). Stengers (2015) vê a ciência como uma construção humana permeada por matizes políticas e sociais, e não como um campo singular ou superior. A autora ressalta a presença de relações de força e jogos de poder que desviam o ideal científico, o que se assemelha à crítica de Dominici sobre as relações de poder consolidadas que subestimam o fator humano em favor da ilusão de controle tecnológico. Sua crítica aos "profissionais" com suas "mentes em um ritmo" que negligenciam a vigilância e a abstração reforça a ideia de que a hipervelocidade digital limita a reflexão e o pensamento crítico, sugerindo que o capitalismo é um sistema feiticeiro e que a resistência deve ser um ato de desenfeitiçamento, um chamado a colocar em causa a ideia de que o mundo é plenamente conhecido e controlável, alinhando-se ao novo humanismo que busca abandonar a ilusão de controle.

As contribuições de Guattari e Rolnik (2000) aprofundam a discussão sobre a captura da subjetividade inerente à vigilância algorítmica e ao consumismo. Para os autores, a subjetividade é algo produzido, maquínico, e constitui a matéria-prima para toda e qualquer produção. Essa perspectiva conecta-se diretamente ao capitalismo de vigilância, que elabora perfis para formular produtos de predição, transformando o indivíduo em suporte de valor.

O maquinário algorítmico visa acelerar os fluxos de desejo e a individuação, compelindo o usuário a produzir dados sobre si e reforçando a lógica do consumismo e da exibição narcísica. Esse agenciamento tecnológico gera perfis supraindividuais a partir de dados infra individuais, funcionando como um dispositivo de segurança que reflete a crítica à vigilância algorítmica. Além disso, Guattari e Rolnik (2000) apontam para a base estrutural do sistema como um regime colonial, onde a lógica de pilhagem da vida é reatualizada pelas big techs, o que adiciona uma dimensão histórica e global à crítica da acumulação de dados e à ameaça às liberdades civis.

É possível empregar uma metáfora mitológica para descrever este processo de captura da subjetividade e a erosão das liberdades: Narciso (cultura da autoexposição e consumismo), Hipnos (sono da consciência e passividade), Tânatos (morte da autonomia e da esfera privada) e Cronos (tempo linear e predatório da coleta de dados).

Zuboff (2021) argumenta que o conceito capitalismo de vigilância se refere à nova forma de mercado no século XXI, capitaneada pelas principais plataformas de redes sociais, é uma lógica de acumulação única na qual a vigilância é um mecanismo fundacional na transformação de investimento em lucro. Não obstante, assinala que a acumulação dos nossos dados comportamentais pelas plataformas digitais por meio das tecnologias (a IA entre elas), com o intuito de fabricar produtos destinados a predizer a experiência humana, afeta os direitos humanos e destitui a autonomia dos sujeitos.

Estas preocupações, com efeito, são o pressuposto para problematizar seus malefícios a partir da correlação entre narcisismo, netscapismo, hipervisibilidade mórbida e o tempo nas redes sociais virtuais. Contextualiza-se o fenômeno do consumismo e monetização de redes sociais e a mercantilização das pessoas por meio do capitalismo de vigilância. A partir dos mitemas culturais de Narciso, Hipnos, Tânatos, e Cronos, evidenciados por Contrera e Torres (2019), é possível demonstrar como a alienação do sujeito na sociedade da transparência manipula-o psicologicamente e sequestra a sua autodeterminação.

Embora um dos princípios das redes sociais virtuais seja sua abertura e porosidade, possibilitando, facilitando e estimulando ligações sociais, a conexão fundamental entre as pessoas se dá por meio da identidade, sendo diversos os estudos que buscam colocar em evidência os prejuízos que o modo e a frequência de seu uso podem trazer aos usuários. As redes sociais virtuais são um recurso inestimável para a necessidade de sociabilidade humana, mas, ao invés de felicidade, o efeito anestésico e corrosivo das redes sociais serve para majorar o desamparo e a vulnerabilidade, exacerbando problemas com a auto-imagem, a realidade, a morte e o tempo.

Contrera e Torres (2019) realizaram uma investigação com a utilização da ferramenta Google Trends, que visou mapear a irrupção dos assuntos e conteúdos mais frequentemente buscados no imaginário cultural, refletindo, em seus achados, o arquétipo de Tânatos e seus desdobramentos simbólicos para a sociedade midiática. Como apontado pelos autores, também o narcisismo e a morte, vistos sob uma perspectiva psicanalítica, podem auxiliar na compreensão da sociedade atual e, mais especificamente, dos usuários recreativos e profissionais de mídias sociais, como bloggers, youtubers, instagramers entre outros. A entrega ao falso, ao irreal, a opção por dormir na virtualidade do que viver na realidade se conecta com a lógica do transparente, mas quando se tenta ver o que há de substrato, o resultado é a necropsia, pois afinal, não há como ver uma pessoa por dentro sem invadi-la ou mesmo matá-la. Os exemplos dantes citados unidos à proposta de Contrera e Torres

(2019) têm o fim de ressaltar a vulnerabilidade dos indivíduos às redes sociais virtuais e o desamparo dos usuários. Se antes o mundo era constituído por pequenas comunidades nas quais era possível ter conhecimento dos assuntos dos demais, as cidades e a rotina tornaram menos estreitos os laços sociais, sendo as redes sociais virtuais uma versão deturpada da proximidade perdida. As redes sociais virtuais convolam a realidade em verdadeiro sonho, conspurcando a vivência cotidiana para que esta reflita - em maior ou menor grau - o imaginário de cada um de seus usuários.

As dimensões do narcisismo podem ser correlacionadas a inúmeros comportamentos nas mídias sociais, aí incluídos a frequência de postagens pessoais, marcações, comentários e curtidas. Grandiosidade e exibicionismo podem, comumente, ser associadas a estas e outras ações nos espaços sociais virtuais, revelando um narcisismo global (Singh; Farley; Donahue, 2017). Mas, as redes sociais são responsáveis, ainda, por outro fenômeno: a criação de heróis do mundo atual. Fictícios ou reais, eles inspiram e influenciam, estando relacionados à promoção de transformação e inspiração, própria e de outros, representando um construto humano de concepção do mundo, como apontado por Allison e Goethals (2012).

O discurso da individualização justifica a sociedade orientada pelo desempenho e o reconhecimento da desigualdade social e da diferença de classes sociais. Fronteiras morais construídas através do discurso individualizam o sucesso ou fracasso, minimizando a relevância dos contextos de grupos vulneráveis e seu potencial para a reprodução de estruturas limitativas como denunciam Trappmann, Seehaus, Mrozowicki e Krasowska (2021). Segundo estes autores, a individualização trouxe consigo um mito de igualdade (ou seja, a igualdade de oportunidades) e da autonomia do projeto de vida individual (ou seja, a decisão de como e com quem viver). A individualização também levou à ruptura das identidades coletivas e a uma mudança na participação política. Os indivíduos agora tendem a acreditar que os problemas que enfrentam são pessoais, o que limita a capacidade de compreender sua natureza coletiva.

O tempo despendido nas redes sociais virtuais é um investimento na Persona online (tanto assim a personalidade digital já possui reconhecimento jurídico), demandando análises, inclusive, das heranças digitais, podendo-se citar os memoriais como exemplo). A Persona online transformou-se na vida ideal do sujeito, tornando possível, muitas vezes, viver o que a realidade não lhe permite. Quanto mais a humanidade dispõe de tecnologia, menos tempo parece disponível. A figura de Cronos, o deus do tempo na mitologia grega, especialmente quando visto este em seu aspecto destrutivo, inexpugnável, parece ser uma alegoria adequada para a representação da sociedade da informação e, consequentemente, da noção de tempo

nos dias atuais. Igualmente, as liberdades individuais protegem contra o arbítrio e abuso do poder de interferência do Estado, mas vêm perdendo sua força desde o advento do Estado de segurança e, atualmente, com a segurança da informação. O consumidor-consumido nada é senão informação monetizada, dados, obtidos com ou sem o seu consentimento ou de seu governo.

Neste contexto, o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021) vislumbrou a monetização da informação obtida mediante a vigilância na era digital, usando mecanismos legítimos e ilegítimos de extração, mercantilização e controle de comportamento para produzir novos mercados de predição de comportamento e sua modificação, concentrando o poder e ameaçando as liberdades civis, prejudicando valores como a liberdade e a privacidade. O capitalismo tem no consumismo o instrumento da realização de seus fins, instilando desejos e criando demandas para a alienação dos consumidores, levando-os ao consumo desnecessário como uma forma de exibição narcísica, muitas vezes associada a privações, inclusive de direitos.

O imaginário segue habitado por estigmas e o indivíduo, narcísico, busca se manter desejável - jovem e belo - e, denota uma repulsa psicológica à decrepitude e mortalidade. O consumismo estimula tal comportamento, promovendo uma constante desvalorização do idoso ao mesmo tempo em que revaloriza o idadismo e a gerontofobia. Na sociedade do desempenho, pois, a estética segue marcada pela ditadura do “sempre novo” e, o novo “Eu”, responsável pelas suas conquistas - e, também, por seu fracasso -, é convencido de que qualquer um pode ser feliz, ter sucesso, dinheiro e poder. Crê-se que com a quantidade suficiente de dinheiro pode-se superar fenômenos como o envelhecimento, e até mesmo a morte, adquirindo os produtos corretos para evitar esses trágicos acontecimentos.

Para Han (2019), uma das características da pós-modernidade é, sem dúvidas, uma ávida preferência por formas (contornos/peles/rostos/corpos) lisas que oferecem pouca resistência ao prazer e ao consumo imediato. O liso, enquanto atributo visual e estético preconiza a concordância e a aceitação pelo “like” nas redes. Esta concordância proveniente da visibilidade se consolida no desejo de avaliarmos constantemente a vida dos pares por meio de imagens harmonizadas em sequência (feed). O liso é materializado, por exemplo, na idealização da perfeição dos corpos e rostos eternamente jovens (sem rugas ou sinais de envelhecimento) que se oferecem como espetáculo. Ao mesmo tempo, a predileção pelo liso provoca o insulamento das pessoas que não se submetem à égide das relações líquidas Bauman (2009), ou que vivam em um contínuo auto espelhamento permanente (Han, 2019, p. 43). O que ocorre é o afastamento veemente de qualquer dissenso, impedindo as vivências

promotoras de alteridade. Quando tudo que vemos, de forma saturada é liso e associado à perfeição inalcançável, isto nos provoca uma reflexão sobre a existência do belo como essência e não apenas como forma.

Mirando nos mais jovens, o capitalismo de vigilância os domestica até que se lhes esgote o poder de produção e de consumo, abominando os mais velhos e os deficientes. A ditadura da estética retroalimenta as discriminações, incluindo a discriminação etária, ou “age-ism” (Butler 1969), caracterizada pelo preconceito de um grupo etário contra outros. Esta lógica estimula e reforça preconceitos, estigmas e violências, tornando os discursos e comportamentos de ódio cada dia mais perceptíveis.

Na sociedade de consumo e da informação, velho e novo assumem uma nova roupagem, tornando imprescindível a atualização e a exposição constante. Mesmo ciente de que é finito [mortal], o sujeito aspira e idealiza a imortalidade. No afã de iludir a si mesmo, todos os estratagemas são permitidos, sendo o mais comum deles a realidade virtual e, nela, a hipervisibilidade. O próprio ser humano se priva de seus direitos; despoja-se da dignidade e das liberdades civis historicamente conquistadas, como se despissem uma veste, desnudando-se na e para a sociedade da informação. Nu, expõe-se - tal qual animal exposto em jaula - e, exposto, sacia com a hiper-realidade o furo instalado em sua mente.

Neste contexto, as mídias sociais atuam como ferramentas de conexão e estabelecem novas formas de agenciamento de subjetividades, facilitando a evitação do desconforto por meio da imersão na rede, trazendo implicações subjetivas e comportamentais derivados do compartilhamento de informações, do status de realidade presente nas interações e do desamparo (Assunção, 2014). O netscapismo, pois, despe das suas proteções as liberdades civis, na medida em que aliena os titulares destes direitos, seviciando as ligações entre a pessoa de existência real e o sujeito titular das proteções jurídicas da privacidade e da liberdade. Estas Tecnologias aceleram e distribuem globalmente um conjunto de discursos e imagens que criam uma rede da qual é difícil escapar, uma “malha de riscos tecnológicos” que configuram uma nova forma de capitalismo, de ordem global, mas que intervém definitivamente na vida pessoal (Beck, 1999). Este desenvolvimento tecnológico tem papel ambíguo, pois se por um lado, pretende ampliar o domínio e a “visibilidade” do futuro; por outro, aprofunda o domínio da incerteza.

O consumo das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e o capitalismo de vigilância já não capturam apenas os dados pessoais (big data), a privacidade e a liberdade dos consumidores; ele coopta também o direito à informação. Tal cooptação tem impactos na própria democracia, no seu processo eleitoral e pluralismo, e por

conseguinte nas liberdades civis, no funcionamento do governo, na participação política e na cultura política. Até a democracia se encontra atada de maneira inextricável ao consumo. Paes (2020) parafraseando Marx afirma que uma característica central da nova vigilância é justamente a conversão digital do que é coletado, o que torna as informações/dados comunicáveis e comparáveis em uma escala antes inimaginável. Além disso, os indicadores ou orientações usadas para dar sentido a esses dados são inferenciais, circunstanciais e orientados para o futuro.

Virtual e real se transmutam, de modo que a personalidade eletrônica se apresenta muito mais concreta que a orgânica. A palavra rede conquista uma acepção cada dia mais significativa que a de sociedade, enquanto a privacidade - “nudez” dos consumidores é estimulada e explorada. A transparência converte-se num conceito imprescindível para a compreensão dos fenômenos sociais e cibernéticos que consolidam a sociedade contemporânea como um regime de controle, cujo reflexo imediato é a cultura da exibição, da desritualização e da nudez; uma exibição exagerada que transformou o modo de ser e estar transparente como algo supostamente benéfico e importante, mas que constitui, em realidade, uma sociedade desnuda, que nada tem de sedutora, construtiva ou reflexiva (Han, 2018).

A revolução digital, a internet e as redes sociais transformam a sociedade em sua essência, oferecendo como produto uma massa de indivíduos sem identidade, que não questiona a ordem estabelecida e se submete voluntariamente ao dataísmo niilista (Han, 2017; Han, 2018). A vigilância instilada através da rede, portanto vem corroendo as fronteiras do privado, adestrando os consumidores para a confissão e denúncia, dissimulando diferenças e alteridade (Han, 2017) num processo de consumo de subjetividades construído a partir da lógica do consumo (Pelbart, 2003). O destino daqueles que se insurgem ou que nunca foram inseridos nesta “realidade” da cibervida é o ostracismo e morte social em vida.

Em um mundo onde o ter - e até mesmo o parecer ter - se sobressai ao ser, já não se “É”: “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 1997, p. 16-17). e nada se “Tem”; o ser humano se coisifica cada dia mais, colocando a demanda pela satisfação de desejos [impostos] acima de suas próprias necessidades, de seus direitos e de si próprio. A combinação de capitalismo algorítmico e hipertecnológicas formas de bem-estar saturam o dia a dia e levam à aceleração das conexões digitais. Somos, mais do que nunca, em qualquer outro tempo da história humana, expostos uns aos outros, mas, cada vez mais solitários e desamparados. O capitalismo de vigilância celebra os algoritmos e o big data, venera sua capacidade de consumir [dados de] pessoas e de oprimir direitos, de manipular a liberdade

de escolhas. De acordo com Paes (2020), não se deve perder de vista que as mudanças no plano da regulamentação têm gerado leis, políticas e práticas que limitam e regulam a coleta e o tratamento de informação pessoal dos cidadãos. Do mesmo modo, estas políticas de consentimento da informação oferecem aos sujeitos a opção de ficarem dentro ou fora dos esforços de coleta de dados, de pagarem por um maior nível de privacidade ou de serem recompensados por um menor nível.

A articulação destes argumentos com as prerrogativas do pensamento de Dominici é clara: a vigilância algorítmica é a expressão funcional das culturas organizacionais hegemônicas que utilizam a infraestrutura digital e a hipervelocidade para estender lógicas de controle a todos os campos da práxis (Dominici, 2014). A erosão das liberdades civis não é um efeito colateral, mas uma consequência direta da mentalidade que busca eliminar o erro e impor a máxima racionalidade a um mundo complexo. O objetivo é superar a lógica binária e utilitária imposta pela cultura da concretude.

Para além dos Cisnes Negros...

Os Sistemas Complicados são lineares, previsíveis e desagregáveis. Os Sistemas Complexos (onde se inserem os sistemas sociais) são não lineares, ambivalentes, emergentes e imprevisíveis. Ao tentar controlar o complexo, por meio de modelos algorítmicos e lineares, as organizações apenas amplificam a ambivalência e aumentam o risco e a vulnerabilidade do sistema à crise. O erro ou problema crucial reside em aplicar a lógica da intervenção onde se exige a lógica da adaptação.

Em um mundo onde a hipervelocidade digital interage com a complexidade, a comunicação e a informação representam os únicos elementos capazes de unir uma realidade problematicamente complexa (Dominici, 2023). A comunicação não é apenas a transmissão de dados; é o processo de troca, partilha e mediação que confere coesão à sociedade e permite a gestão do emergente. A crítica à gestão linear da complexidade conduz inevitavelmente à discussão ética sobre o papel do fator humano e a necessidade de um novo humanismo que contrabalance as lógicas de controle e a delegação de autonomia à tecnologia. Dominici (2014) desmistifica a visão determinista, afirmando que a tecnologia digital não pode garantir, em si e por si, horizontalidade ou relações mais simétricas. O diferencial estratégico reside sempre no fator humano e nos usos que as pessoas e as organizações fazem da tecnologia. As tecnologias não são agentes únicos de transformação social; elas são cooptadas e moldadas pelas relações de poder, hierarquias e culturas organizacionais hegemônicas preexistentes. Habitar o emergente significa reconhecer o incansável dinamismo dos sistemas

complexos, sua não-linearidade e sua imprevisibilidade (Dominici, 2013). Esta é uma postura fundamentalmente diferente da solução de problemas tradicional. O assim chamado “gestor da complexidade” deve abandonar a ilusão de poder administrar o sistema e focar na capacidade de habitá-lo (Dominici, 2013).

Habitar a complexidade é um ato ético e cultural que exige: aceitar a imprevisibilidade, trabalhando com a incerteza e a emergência como condições permanentes; promover o diálogo e o saber compartilhado; desenvolver uma ética sistêmica, que compreendem que toda intervenção em um sistema complexo gera consequências não previstas.

A persistência do fator humano implica uma responsabilidade ética. A hipervelocidade e a vigilância algorítmica só se tornam ameaças à liberdade porque o indivíduo, imerso na tirania da concretude, abdica da sua capacidade crítica. O grande erro de delegar a análise e a decisão à máquina é, primariamente, uma falha antropológica.

O novo humanismo para a sociedade interconectada é a resposta sociológica à crise da complexidade. Não se trata de rejeitar o digital, mas de redefinir o papel do ser humano em um ambiente hipertecnológico. Este novo humanismo baseia-se em pilares que restauram a centralidade da reflexão e da ética: (1) Ressignificação do Erro, que passa a ser uma ferramenta cognitiva estratégica; (2) Economia da Partilha e Mediação, promovendo o "saber compartilhado" e a mediação dos conflitos (Dominici, 2014); embora o autor se apresse em sublinhar o valor da liberdade de expressar conflitos e debates (respeitosos), que é a própria base da educação e da democracia em si; qualquer tipo de mediação deve ter o cuidado de não sufocar a dissidência ou a pluralidade e (3) Visão Sistêmica, que questiona as tradicionais lógicas de controle e vigilância. O novo humanismo é o antídoto cultural para a tirania da concretude, resgatando a autonomia crítica que é lentamente corroída pela hipervelocidade e pelo controle algorítmico.

Neste debate, o conceito de "Cisne Negro" (Taleb, 2007), que descreve eventos de baixíssima probabilidade, mas de altíssimo impacto (incontroláveis e imprevisíveis), é frequentemente utilizado para racionalizar a crise e a incapacidade de gestão. No entanto, o pensamento de Dominici, desenvolvido em obras como “Beyond the Black Swans”, transcende a simples identificação do evento raro. Para o autor, o problema real não é o Cisne Negro em si, mas o fato de que a metáfora é usada para justificar a inadequação estrutural e a fragilidade cognitiva de nossas instituições (Dominici, 2023). Dominici (2023) argumenta que, ao rotular evento como Cisne Negro, os gestores desviam a atenção do fato de que a emergência, assim como os Cisnes Negros, não é um evento raro, mas sim um

elemento intrínseco e conotativo da complexidade e da vida, e, portanto, "nunca pode ser prevista, prevenida ou gerida, e muito menos eliminada" (Dominici, 2023).

O erro definitivo (Dominici, 2025) reside, portanto, em duas dimensões interconectadas: A Tirania da Concretude que se baseia na crença ilusória de que sistemas complexos podem ser mapeados e controlados por dados e modelos lineares, desconsiderando a emergência. E o Cisne Negro como justificativa, no qual a metáfora do Cisne Negro é usada para isentar a responsabilidade por falhas sistêmicas. O evento imprevisível não é a causa da fragilidade do sistema, mas a consequência da nossa confusão entre sistemas complexos e complicados e da nossa incapacidade de entender que o complexo não pode ser gerido.

Ao apostar todas as suas fichas no saber-fazer (know-how), na hipervelocidade e na simulação, a sociedade digitalizada (Dominici, 2023) cria sistemas que são inherentemente vulneráveis. O verdadeiro desafio, que move o debate além dos Cisnes Negros, é a construção de uma cultura sistêmica capaz de lidar com a incerteza e a emergência como condições permanentes, focando na resiliência e na capacidade de habitar a complexidade (Dominici, 2017), em vez de perseguir a quimera do controle total.

Implicações Educacionais e Propostas Metodológicas

Em resposta à crise do pensamento induzida pela hipervelocidade e ao risco de erosão das liberdades civis pela vigilância algorítmica, a solução reside no resgate do fator humano e na redefinição do seu papel. O novo humanismo para a sociedade interconectada proposto não é uma rejeição ao digital, mas uma superação da lógica utilitária da concretude. Este projeto estratégico é o antídoto cultural para a tirania da concretude, baseando-se na ressignificação do erro como ferramenta cognitiva, na economia da partilha e mediação, e em uma visão sistêmica que questiona as tradicionais lógicas de controle e vigilância.

A meta central do novo humanismo é a capacidade de habitar a complexidade, o que implica o abandono da ilusão de controle para focar na aceitação da não-linearidade e da imprevisibilidade. Embora o conceito de Dominici dialogue com as contribuições de Donna Haraway (1988; 2016) (Cyborg and Situated Knowledge) e Tim Ingold (Anthropology of Dwelling), sua perspectiva propõe um novo humanismo com "figuras híbridas" estritamente humanas — não pós-humanas: homens e mulheres com mentes críticas, questionadoras, lógicas, porém criativas, que aprenderam como habitar a complexidade e a imprevisibilidade sem tentar controlá-las, que são capazes de manter juntas a imaginação e a racionalidade, a criatividade e a metodologia rigorosa, de reconhecer conexões e de unir falsas dicotomias,

incluindo o humano e o tecnológico, tanto mais que a tecnologia, segundo Dominici, nunca deve ser considerada algo externo à cultura (humana), precisamente porque “a tecnologia é parte da cultura”. Como Haraway, ele considera a objetividade impossível, na medida em que todos os membros de sistemas complexos são participantes, mas aponta que não temos como imaginar as consequências e implicações de uma síntese complexa. Haraway, por outro lado, rompe a dicotomia humano/tecnologia e desmantela a ilusão da objetividade, reforçando que o novo humanismo deve ser pós-humano. Ingold (2011), por sua vez, contrasta a lógica da Rede (Network) — pontos discretos, lógica de vigilância — com a Malha (Meshwork), resgatando a vida como um conjunto de linhas contínuas e a experiência no mundo. O imperativo de habitar a complexidade é, assim, a rejeição da vida como uma série de núcleos de informação e o resgate da vida como um emaranhado de linhas.

A implementação prática do novo humanismo demanda, portanto, uma profunda reforma educacional, vista como o principal motor para a superação do "grande erro". A educação tradicional, baseada na compartmentalização e hiperespecialização, apenas reforça as ilusões da concretude. O primeiro imperativo metodológico é a superação da fragmentação do saber, formando figuras híbridas capazes de navegar por campos inter, multi e transdisciplinares. A formação do cidadão complexo exige a transição de um modelo focado no saber-fazer técnico para um modelo que privilegie as capacidades éticas e críticas, incluindo o saber-ser e o saber-agir, uma vez que o cidadão complexo deve ser capaz de agir responsávelmente em contextos de emergência, incerteza, conflito e, sobretudo ser capaz de questionar a validade dos modelos algorítmicos.

Para combater a tirania da concretude e a hipervelocidade, a formação deve adotar epistemologias que valorizem a incerteza através de duas estratégias cruciais:

1. Inclusão do Erro, Dúvida e Emergência: O erro deve ser visto como um recurso heurístico, essencial para o aprendizado, a resiliência e a capacidade de adaptação em sistemas não lineares. O ambiente de aprendizagem deve acolher a dúvida e a imprevisibilidade, ensinando como lidar com e esperar o inesperado.

2. Desenvolvimento da Lógica Formal e Pensamento Crítico: Estes são os únicos instrumentos que permitem ao indivíduo discernir o ruído da informação relevante, questionar a validade dos modelos algorítmicos, e resgatar a autonomia em detrimento da delegação cega à simulação e à tecnologia.

Em suma, a reforma educacional é a alavancas para a mudança cultural. Ao integrar o erro, a incerteza e a visão sistêmica, a escola capacita o indivíduo a habitar a hipercomplexidade, fornecendo-lhe as defesas cognitivas e éticas necessárias contra a erosão

das liberdades civis e o grande erro. A implementação prática do novo humanismo envolve necessariamente por uma profunda reforma educacional, vista como o principal motor para a superação do "grande erro". A escola deve se mover para além da ênfase no saber-fazer (know-how) técnico e instrumental, que apenas reforça a ilusão de controle e a tirania da concretude, isto porque aprender a gerir e esperar o inesperado (Dominici, 2023) é essencial para o desenvolvimento da resiliência e da capacidade de adaptação em sistemas não lineares.

O imperativo metodológico para tanto é a transição de um modelo focado em soluções técnicas para um modelo que privilegie as capacidades éticas e críticas (Dominici, 2023). A complexidade não pode ser resolvida apenas por algoritmos ou especialistas hiper especializados; ela exige sujeitos capazes de operar na incerteza e na ambivalência. A formação de um "cidadão complexo" exige, portanto, a integração de novas dimensões de aprendizado que envolve o saber-fazer, o Conhecimento técnico e instrumental (necessário, mas insuficiente), o saber-ser, capacidade de reflexão, consciência ética e autonomia crítica e por fim, o saber-agir que se refere à capacidade de tomar decisões e agir responsávelmente em contextos de incerteza, conflito e emergência (Dominici, 2023), resgatando a autonomia em detrimento da delegação cega à simulação e à tecnologia.

Do Humanismo Clássico à Ontologia da Conexão: Haraway e Ingold

O imperativo de um novo humanismo (Dominici, 2014) ganha profundidade ontológica ao ser confrontado com a crítica feminista e pós-estruturalista de Donna Haraway (1988; 2016) e a antropologia do habitar de Tim Ingold (2011).

A crítica de Dominici à tirania da concretude e à ilusão de objetividade encontra um poderoso aliado em Haraway (1988), que desmantela o ideal da "visão de lugar nenhum" da ciência positivista. Para a autora, todo conhecimento é situado e parcial, sendo produzido por corpos e tecnologias interconectados. A tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas uma extensão orgânica do sujeito. O Ciborgue — o híbrido de organismo e máquina — torna-se a metáfora política e ontológica que rompe a dicotomia humano/tecnologia e natural/artificial. Essa concepção aprofunda o argumento de Dominici (2014) de que a diferença reside no fator humano, uma vez que o novo humanismo não pode ser um retorno ao antropocentrismo clássico, mas postula, ao contrário de Dominici, que ele deve ser um humanismo pós-humano que reconheça o entrelaçamento intrínseco entre a vida e a tecnologia.

A Hipervelocidade digital (Dominici, 2025) e a Vigilância Algorítmica são manifestações da lógica de Rede, que busca reduzir a vida complexa a dados e previsibilidade.

A resposta, portanto, não é apenas ética (como propõe Dominici), mas ontológica: o imperativo de "habitar a complexidade" é a rejeição da vida como uma série de hits de informação e o resgate da vida como um emaranhado de linhas (Ingold, 2011), onde o conhecimento é situado e a emergência e o erro são intrínsecos (Dominici, 2023).

O novo humanismo, portanto, exige uma sensibilidade material (Ingold, 2011) para o modo como o ser humano está enraizado no mundo e nas tecnologias, superando a ilusão de controle abstrato e reconhecendo a interdependência inerente a qualquer sistema complexo. A insuficiência da lógica tradicional de gestão face aos sistemas complexos, conforme discutido na seção anterior, projeta-se diretamente no plano ético e antropológico. A sociedade da conexão, ao buscar incessantemente a eliminação do erro e da incerteza por meio da hipertecnologia (Dominici, 2025), incorre em um paradoxo: a mesma rede que promete liberdade e horizontalidade é cooptada por lógicas de controle e vigilância que promovem a lenta erosão das liberdades civis.

A reflexão final sobre os impactos educacionais é o fecho prático e a culminação da tese do artigo. Ela sintetiza a urgência da reforma educacional à luz de todas as críticas teóricas levantadas. A totalidade da discussão teórica — desde a crítica ao "erro definitivo" (Dominici, 2017) até a exigência de habitar a complexidade (Dominici, 2023) sob a perspectiva do Emaranhado de Ingold (2011) e do Conhecimento Situado de Haraway (1988) — converge para uma única conclusão prática: a necessidade de uma revolução pedagógica que subverte os paradigmas de controle da civilização hipertecnológica.

A educação, em seu formato atual, opera como um fator de fragilização cognitiva, pois, ao valorizar excessivamente o saber-fazer técnico e a hiperespecialização, ela endossa e reproduz a tirania da concretude. Esta mentalidade falha em preparar o indivíduo para a realidade complexa, ensinando-o a temer o erro e a emergência, em vez de integrá-los como fontes heurísticas vitais (Dominici, 2023). A reflexão "além dos Cisnes Negros" impõe uma nova meta educacional na qual o foco não é apenas na resiliência a eventos raros, mas na capacidade sistêmica de esperar e mediação. A educação deve equipar o indivíduo para "esperar o inesperado" (Dominici 2023), transformando o estudante de um mero consumidor passivo de dados (vulnerável à Vigilância Algorítmica) em um agente ativo de coesão.

Os impactos educacionais exigem, portanto, três transformações pedagógicas interligadas: Em primeiro lugar a transição do saber-fazer para saber-ser e saber-agir. O foco desta mudança deve se pautar nas dimensões éticas e reflexivas, formando indivíduos capazes de agir responsávelmente na incerteza (Dominici, 2023). Em segundo, o desenvolvimento

do pensamento ontológico da conexão: O ensino deve promover uma compreensão do indivíduo como um ser híbrido e situado, parte de um emaranhado (meshwork) e não de uma rede de pontos isolados. Isso desmantela a ilusão de controle objetivo (Haraway, 1988; Ingold, 2011). E por fim, o foco na cultura da mediação e do debate para que o ambiente de aprendizado se torne um laboratório que estimule a mediação de conflitos e o saber compartilhado, que são os verdadeiros pilares para lidar com o emergente, em contraposição à simulação e à hipervelocidade.

Em última análise, o impacto da discussão teórica proposta é a exigência de uma alfabetização para a complexidade. O diálogo com os autores evidencia que a Educação deve ser o espaço onde o tempo de reflexão (o pensamento) é ativamente defendido contra a hipervelocidade, preparando as futuras gerações não para controlar o mundo, mas para habitar a complexidade de forma ética, crítica e consciente da sua posição em um sistema intrinsecamente imprevisível.

Considerações Finais

O presente artigo buscou articular os argumentos sociológicos de Piero Dominici sobre a sociedade da conexão/hiper tecnológica, utilizando como chave interpretativa a oposição entre a hipervelocidade digital e a capacidade humana de pensamento crítico e reflexão. A análise demonstrou que a grande vulnerabilidade da sociedade contemporânea reside na persistência do erro definitivo: a fútil tentativa de gerenciar sistemas complexos por meio de lógicas de controle adequadas apenas a sistemas complicados (Dominici, 2017).

A tirania da concretude e a ilusão de que a IA pode eliminar o erro culminam em graves desafios éticos, destacadamente a erosão lenta das liberdades civis em um ambiente de vigilância algorítmica e consumismo. Verificou-se que o erro definitivo é também a tentativa de eliminar a emergência, que é, por natureza, imprevisível e intrínseca à complexidade da vida (Dominici, 2023).

Em resposta a este cenário, o artigo reafirma a necessidade de um novo humanismo como projeto estratégico e cultural. Este humanismo transcende o tecnocentrismo, propondo uma reorientação da mentalidade humana para a aceitação da incerteza e a capacidade de habitar a complexidade, aprendendo a esperar o inesperado (Dominici, 2023). Tal mudança exige uma revolução educacional que migre o foco do saber-fazer técnico para o saber-ser e o saber-agir, integrando metodologicamente o erro, a dúvida e a emergência no processo de formação. Somente assim a hipervelocidade da rede poderá ser domesticada pela reflexão crítica, e a autonomia, resgatada, bem como será possível defender as liberdades civis da sua progressiva e/ou total erosão.

Referências

- ALLISON, Scott T.; GOETHALS, George R. Heroes: **What They Do and Why We Need Them**. New York: Oxford University Press, 2012.
- ASSUNÇÃO, Maria. **Redes sociais e subjetividade**: implicações contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BUTLER, Robert N. Age-ism: Another form of bigotry. **The Gerontologist**, v.9, n.4, p. 243-246, 1969.
- CONTRERA, Malena; TORRES, Juliana. **Sociedade da transparência e imaginário digital**. São Paulo: Paulus, 2019.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOMINICI, Piero. Um novo humanismo para a sociedade interconectada. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2014. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/537642-um-novo-humanismo-para-a-sociedade-interconectada-entrevista-com-piero-dominici>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- DOMINICI, Piero. From Emergency to Emergence. Learning to inhabit complexity and to expect the unexpected. **Salute e Società, Roma**, v. 22, n. 1, p. 135-151, 2023. DOI: 10.3280/SES2023-001010.
- DOMINICI, Piero. A complexidade da comunicação. A comunicação da complexidade. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 15-39, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/179724>. Acesso em: 21 nov. 2025.
- DOMINICI, Piero. Comunicação é cidadania. In: Kraus Luvizotto C., Ferin Cunha I., eds., **Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais: Vivências**, pp. 12-22, Aveiro: Ria Editorial, 2020a.
- DOMINICI, Piero. Speed vs. Thought. The epistemological and educational challenges of the civilisation of automation and AI. **MEI Studies International Conference**, 2025.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v.14, n.3, p. 575-599, 1988.
- INGOLD, Tim. **Being Alive**: Essays on Movement, Knowledge and Description. London: Routledge, 2011.
- PAES, Thiago. Capitalismo de vigilância e democracia digital. **Revista Estudos Sociais**, v.26, n.2, p. 89-112, 2020.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital:** ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RODOTÀ, Stefano. **A vida na sociedade da vigilância:** a privacidade hoje. Rio de Janeiro: Renovar, 2012.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica.** São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SINGH, R.; FARLEY, S.; DONAHUE, E. Grandiosity and Social Media Narcissism. **Personality and Individual Differences**, v.111, p. 153-158, 2017.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes** – Resistir à Barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TALEB, N. N. **The Black Swan** (trad. it.: Il cigno nero, come l'improbabile governa la nostra vita. Milano: Il Saggiatore, 2007).

TRAPPMANN, Vera; SEEHAUS, Annette; MROZOWICKI, Adam; KRASOWSKA, Agnieszka. **Individualization and Social Inequality.** European Societies, v.23, n.1, p. 1-24, 2021.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância:** A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

PIERO DOMINICI

Sociólogo, filósofo, educador e pensador sistêmico, atualmente professor associado na Universidade de Perugia, Itália, no Departamento de Filosofia, Ciências Sociais, Humanidades e Educação. Doutor em Teoria e Pesquisa Social pela Universidade Sapienza de Roma. Diretor científico do programa internacional de pesquisa e educação CHAOS – Organizações e Sistemas Adaptativos Humanos Complexos, e atua como membro da Academia Mundial de Arte e Ciência, vice-presidente da Academia Mundial de Ciência da Complexidade (América Latina), além de especialista da UNESCO e consultor da ONU em questões relacionadas à educação, ética pública e sociedade hipercomplexa.

E-mail: piero.dominici@unipg.it

ANDREA VERSUTI

Professora na área de Educação, Tecnologias e Comunicação do Departamento de Métodos e Técnicas (MTC) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UnB, na linha de Pesquisa Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC).

E-mail: andreaversuti@unb.br